

“CLUB GUMERSINDO SARAIVA”: ESTRATÉGIA POLÍTICA, CRÉDITO E CRENÇA NA CONSTITUIÇÃO DA LIDERANÇA DE APARÍCIO SARAIVA¹.

DOBKE, Pablo R².
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

PADOIN, Maria Medianeira³.
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

RESUMO: O artigo propõe uma reflexão acerca da fundação do “*Club Gumersindo Saravia*” no ano de 1896 e de como este inflamou o ímpeto dos partidários nacionalistas alavancando a liderança de Aparício Saraiva, fazendo deste o principal chefe político *blanco* na virada do século XIX para o XX. Neste aspecto, buscamos uma discussão dentro da história política, dos estudos biográficos e dos “bens simbólicos” (BOURDIEU, 2008), demonstrando a relação deste personagem com a região fronteira, a partir de diferentes vínculos, aprofundando assim as investigações, especialmente no que tange a fronteira Brasil-Uruguaí.

Palavras-chave: História Política – História Platina – História Regional – Fronteira – Biografia.

ABSTRACT: The article proposes a reflection on the foundation of the “*Club Gumersindo Saravia*” in the year of 1896 and as this ignited the momentum of nationalist supporters leveraging the leadership of Aparício Saraiva, making it the main political leader *blanco* at the turn of the nineteenth to the twentieth century. In this regard, we seek a discussion within the political history of biographical studies and “symbolic goods” (Bourdieu, 2008), demonstrating the relationship of this character with the border region, from different bonds, thus deepening the investigations, especially regarding the Brazilian - Uruguayan border.

Keywords: Political History – Platina History – Regional History – Border – Biography.

INTRODUÇÃO.

O presente artigo é resultado referente à Dissertação de Mestrado “Caudilhismo, Território e Relações Sociais de Poder: O Caso de Aparício Saraiva na Região Fronteira entre Brasil e Uruguai (1896-1904)” (DOBKE, 2015), defendida no Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (PPGH-UFSM) na Linha de Pesquisa “Fronteira, Política e Sociedade” sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Medianeira Padoin.

¹ Artigo desenvolvido primeiramente para ser apresentado em forma de comunicação na V Reunião do Comitê Acadêmico “História, Regiões e Fronteiras” da Associação de Universidade do Grupo Montevidéu (AUGM), que ocorreu na cidade de Mar del Plata/Argentina, em abril de 2014. Para ser publicado aqui, sofreu algumas modificações.

² Mestre em História (UFSM). Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria. Atuando na Linha de Pesquisa “Fronteira, Política e Sociedade”. pablo_dobke@yahoo.com.br

³ Doutora em História (UFRGS). Coordenadora e Professora do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria. mmpadoin@gmail.com

A Dissertação em questão fez parte do projeto “guarda-chuva” intitulado “História da América Platina e os processos de construção e consolidação dos Estados Nacionais do século XIX e início do século XX”, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Maria Medianeira Padoin, vinculado ainda ao Grupo de Pesquisa CNPq/UFSM “História Platina: sociedade, poder e instituições” e ao Comitê “História, Regiões e Fronteiras” da AUGM. É importante destacar que durante os dois anos de Mestrado, o autor contou com auxílio de bolsas FAPERGS/CAPES.

Sendo assim, a Dissertação de Mestrado “Caudilhismo, Território e Relações Sociais de Poder: O Caso de Aparício Saraiva na Região Fronteiriça entre Brasil e Uruguai (1896-1904)” (DOBKE, 2015), teve como objetivo a investigação acerca da atuação do caudilho fronteiriço uruguaio Aparício Saraiva a fins do século XIX e início do XX, considerando suas relações sociais na materialização de um território de poder e na territorialização deste mesmo poder. Neste sentido, a fronteira, o indivíduo, o partido e a sociedade, imprimiram um capital simbólico que caracteriza o caudilhismo do final do século XIX e início do XX. Onde, a partir de uma pesquisa bibliográfica e documental procuramos na perspectiva da história política trabalhar com as relações sociais e de poder tendo nas obras historiográficas do período como em posteriores, na análise da documentação (constituída de diários, correspondências e periódicos) a fundamentação desta pesquisa. Pretendendo, assim, elucidar certos aspectos que fizeram de Aparício o principal chefe político *blanco*, atribuindo sua atuação política, principalmente, à rede de contatos que este mantinha na já mencionada região fronteiriça entre o Brasil e o Uruguai.

Dessa forma, o trabalho aqui apresentado, visa tratar sobre a fundação do “*Club Gumersindo Saravia*” no ano de 1896 e a sua importância na formação da liderança de Aparício Saraiva na esfera do Partido Nacional; sem deixar de mencionar aspectos que de uma maneira ou de outra convergiram para tal projeção. Sendo assim, a primeira parte, intitulada “De volta a *Cerro Largo*”, traz um breve apanhado da conjuntura política na qual se encontrava o Uruguai e por consequência, as motivações nacionalistas para a fundação do referido clube. Já na segunda parte – “De que maneira se produz um líder?” – abordaremos a fundação do clube, assim como a função de Aparício Saraiva inserido no mesmo, tomando por base a construção deste como líder político do Partido Nacional.

I. DE VOLTA A *CERRO LARGO*.

Finalizada a Revolução Federalista (1893-95)⁴ em solo brasileiro, na qual Aparício havia acompanhado seu irmão mais velho, Gumercindo, e com a morte deste em 10 de agosto de 1894, Aparício é nomeado como novo comandante em chefe do Primeiro Exército Libertador, designação dada pelo Diretório da Revolução que neste momento se encontrava em Buenos Aires (MENA SEGARRA, 1998, p. 32).

O então nomeado comandante em chefe da Revolução Federalista retorna ao Uruguai, e encontra o país mergulhado em uma crise administrativa que já se arrastava por anos e um mecanismo de governo que não abria brechas, calcado no conceito da “influência diretiz”, criado pelo anterior presidente da República, o colorado Julio Herrera y Obes. Esse conceito defendia que o povo inculto não tinha capacidade intelectual para eleger seus governantes e que estes deveriam ser propostos pelo próprio governo que convertia-se assim em eleitor, isolando deste modo a vigência da democracia política (NAHUM, 2003, p. 48).

Este resultado já vinha de um longo processo, pois, entre os anos de 1870 a 1872 o Partido Blanco se pôs em armas exigindo uma maior participação no governo, este levantamento liderado por Timoteo Aparicio recebeu o nome de “*Revolución de las Lanzas*”; esta culminaria com a Paz de Abril de 1872, na qual os *blancos* lograram quatro chefaturas departamentais (*San José, Canelones, Florida y Cerro Largo*), o que marcaria o começo da “Política de Coparticipação”, além de significar uma regionalização, esta abria um perigoso processo de dualidade do poder (NAHUM, 2003, p. 39).

Esta política de favorecimentos eleitorais e que colocava em cheque a discutida, porém aceitável “Política de Coparticipação” arrastava-se provocando uma série de descontentamentos, principalmente em um setor específico do Partido Nacional que já não via mais com bons olhos o círculo vicioso no qual a parte majoritária do Partido Colorado havia colocado o país onde o presidente elegia o parlamento e o parlamento por sua vez, elegia o presidente (MENA SEGARRA, 1998, p. 40).

⁴ Evento político-militar que teve como base a luta entre Federalistas, capitaneados pelo tribuno Gaspar Silveira Martins e Republicanos, estes sob a tutela do Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos. (KÜHN, 2007, p. 106). Segundo a historiadora Helga Piccolo, a Revolução Federalista foi significativa para o processo histórico brasileiro, no momento de transição entre a Monarquia para a República, transformando assim a conjuntura social do país. (PICCOLO, 1993, p. 65).

Desta maneira, no dia 1º de março de 1894 iniciam-se as eleições presidenciais, tendo esta, ficado conhecida como “eleição de 21 dias”, devido ao tamanho número de problemas que se deram; mesmo assim, foi eleito o senador – também colorado – Juan Idiarte Borda, que não contava com a aprovação geral de seu partido, principalmente a de seu antecessor Julio Herrera y Obes, que via com maus olhos o projeto *Idiartista* de acabar com a “influência diretriz” (MENA SEGARRA, 1998, p. 39).

Porém, Idiarte Borda assegurou a política imposta por seu antecessor ocasionando uma série de antipatias que iam desde as classes conservadoras, formada principalmente por membros do alto comércio e banqueiros, passando pelo setor colorado liderado por José Batlle que defendia a participação dos setores populares na política, além da exacerbada oposição do Partido Nacional. Cabe mencionar a participação do efêmero Partido Constitucional (1880 – 1903) na organização opositora a Idiarte Borda, pois, mesmo com suas fileiras já praticamente desmobilizadas, estes procuraram vincular-se aos tradicionais partidos na esperança de uma melhor eficácia de atuação (MÉNDEZ VIVES, 2007, p. 82).

O Partido Constitucional foi criado durante o período denominado de “Militarismo”⁵ e tinha como base a inserção da sociedade civil na política, primando por princípios fundamentais como a liberdade individual e a liberdade política (REYES ABADIE; VÁZQUEZ ROMERO, 2000, p. 187).

A parte nacionalista de oposição era formada por dois núcleos, formados principalmente por dirigentes urbanos, um tinha como base certo grupo de imigrados em *Buenos Aires* que em 1889 haviam organizado uma “Comissão Diretiva Provisória” a fim de eleger uma “Comissão Diretiva Departamental”, esta eleita, organizou um segundo evento, a chamada “Convenção Nacional” em 20 de julho de 1890 que substituiria a comissão provisória por um novo diretório. O outro núcleo era formado basicamente pela juventude em ascendência política, aglutinados ao redor do periódico *El Nacional* que tinha como um de seus principais agentes Eduardo Acevedo Diaz, importante figura política na virada do século XIX para o XX (REYES ABADIE; VÁZQUEZ ROMERO, 2000, p. 319-320).

Assim se formava uma nova geração de nacionalistas com o intuito de reorganizar o partido, estes, fundaram no ano de 1893 o “*Club Bernardo Berro*” com o

⁵ Segundo Benjamin Nahum (2013), o período chamado de “Militarismo” de 1875 a 1890, foi iniciado com a ascensão do coronel Lorenzo Latorre ao poder para um governo provisório com o objetivo de substituição dos caudilhos e dos partidos políticos. Por sua vez, o coronel Latorre aproveitou-se do Exército para impor uma autoridade estatal, aplicando assim um método ditatorial de governo (p. 59).

objetivo de obter bancas legislativas na respectiva eleição, porém as abstenções foram a maioria devido a falta de garantias governistas. Estas abstenções acabaram por dar origem a outro grupo político, a *Unión Cívica* reunia alguns partidários constitucionalistas e nacionalistas mais radicais, ambos tinham como objetivo o combate às abstenções que figuravam nas referidas votações, proclamando a necessidade moral que todo cidadão tem de expressar-se em oposição aos setores oligarcas (REYES ABADIE; VÁZQUEZ ROMERO, 2000, p. 326).

Como já havíamos mencionado, o pleito presidencial de 1894 ocorreu em meio a alguns distúrbios, nada diferente foi o governo de Idiarte Borda, que antes mesmo de eleger-se já havia contraído problemas e dissidências dentro de seu próprio partido; problemas econômicos, improbidades administrativas e a decorrente fraude fizeram parte deste governo, ocasião perfeita para uma nova coalizão nacionalista. Deste modo, organizaram-se uma série de conferências e destas reuniões surgiram os clubes políticos que em sua maioria exaltavam o orgulho de ser *blanco*, revitalizando assim o ambiente político da capital, contudo, a ideia dos clubes se alastrou por todo país e em 1896 já existem 25 clubes espalhados pelo interior uruguaio (MENA SEGARRA, 1998, p. 41-42).

A necessidade de oposição se difunde pela campanha, centenas de partidários agrupam-se com a finalidade de por um fim a intransigência colorada, seu centralismo político e a sua economia voltada para a capital do país que gerava um grande mal àqueles que dependiam do substrato rural para sobreviver, principalmente naquilo que tocava a pecuária tradicional ocasionando assim um grande contraste entre o campo e a cidade (DOBKE, 2012, p. 16-17).

Começamos esta primeira parte abordando sobre a chegada de Aparício ao seu país natal e de como este se encontrava, pois chegado o ano de 1896 e as sucessivas fundações de clubes políticos pelo interior, essa parte do país já encontrava-se mobilizada e possibilitando a ascensão de um novo líder. A partir de então que a figura de Aparício Saraiva se faz importante para compreender o processo que se deu com a fundação do “*Club Gumersindo Saravia*” em março de 1896 e as seguintes revoluções que se sucederam sob a chefia deste líder nacionalista.

II. DE QUE MANEIRA SE PRODUZ UM LÍDER?

Até então, a liderança nacionalista da campanha uruguaia possuía um caráter fragmentário, sendo cada Departamento tutelado por um chefe. No caso de *Cerro*

Largo, esta tutela estava a cargo do general *blanco* Justino Muniz⁶ que inserido na “Política de Coparticipação” era manejado em prol do governo colorado desde os tempos do “Militarismo”. Com a chegada de Aparício, Muniz viu sua hegemonia combatida pelos clamores que o general “brasileiro” causou mobilizando as massas partidárias (REYES ABADIE; VÁZQUEZ ROMERO, 2000, p. 334).

Segundo John Chasteen (2003), o poder político de Saraiva era calcado em sua imagem nativista, como uma reencarnação dos caudilhos do passado, o que acabou provocando uma entusiasmada resposta por parte de seus partidários, o que alavancou Aparício sobre centenas de líderes mais experientes no âmbito do Partido Nacional, como também, o tornando o segundo homem mais poderoso do Uruguai na virada do século XIX para o XX (p. 198).

Essa questão vale-se muito a partir da fundação do “*Club Gumersindo Saravia*”, onde o Partido Nacional conseguiu, de certa forma, sua reunificação a partir imagem de Aparício, muito mais que um líder, a função de aglutinador simbólico foi capaz de reunir campo e cidade, fazendo reviver o mito da *patriada*⁷ (CHASTEEN, 2003, p. 175).

Neste sentido, para explicar o efeito simbólico que Aparício exerceu, Chasteen (2003) coloca que,

Aparício conseguiu criar na imaginação de seus seguidores uma atraente imagem de suas identidades compartilhadas, formando um conjunto bem claro de crenças e imagens que eu chamo de “mito da *patriada*”. A carreira de Aparício Saraiva sugere que, durante o período de sua vida em que foi herói, o “mito da *patriada*” lhe conferiu o que às vezes é chamado de “carisma” (p. 162).

No entanto, o mencionado clube e o alçamento de Aparício como chefe não seria possível sem o prestígio local que possuía seu irmão maior, Antonio Floricio, conhecido apenas por *Chiquito*. Este exercia até meados de 1896 o cargo de comissário de polícia na 9ª seção do Departamento de *Cerro Largo*, função na qual ficou reconhecido entre os

⁶ Nascido no Departamento de *Treinta y Tres* no ano de 1838, formou-se primeiramente no trabalho de campo em companhia de seu pai Julian Ramirez, um pequeno proprietário dedicado a pecuária na região conhecida como *Sauce de Olimar*; no entanto, o irmão da mãe de Justino, o caudilho nacionalista Ángel Muniz, procurou orientar os passos de seu sobrinho, assim, Justino seguiu a senda de seu tio e desde cedo se integrou a carreira militar participando de várias ações bélicas, contudo, sua constituição como líder político se dá a partir da sua nomeação para o cargo de comissário do Departamento de *Cerro Largo*, o que em seguida lhe proporcionaria o posto de comandante geral da fronteira. Faleceu no mesmo Departamento de *Treinta y Tres* em sua estância na localidade conhecida como *Bañado de Medina* no ano de 1914.

⁷ Para mais, ver: CHASTEEN, 2003, p. 162-175.

habitantes da campanha, principalmente entre os “*gauchos*” que muitas vezes procuravam sua proteção em detrimento a algum aproveitador. Assim, *Chiquito*, também já vinha reorganizando e mobilizando partidários pela região na qual exercia influência (MENA SEGARRA, 1998, p. 45).

Sendo assim, no dia 25 de agosto de 1896 mais de mil pessoas compareceram a fundação do referido clube, junto a *Chiquito*, Aparício recebeu os participantes vindos dos Departamentos vizinhos de *Durazno e Treinta y Tres*, como também representantes do Diretório Central de Montevideú; parece claro neste caso a maneira como a influência de *Chiquito* projetou a imagem de Aparício entre os *paisanos*, seja por sua atuação como comissário concedendo favores e aplicando uma tática clientelista ou a partir do discurso político-partidário que denegria a imagem de Justino Muniz o chamando de “marca borrada” e ovacionava Aparício, vinculando-o ao nacionalismo tradicional (GÁLVEZ, 1957, p. 152).

Neste sentido, trazemos a ata fundacional do clube “*Gumersindo Saravia*” com suas distintas resoluções:

En la Cañada Brava a 27 de agosto de 1896, reunidos los miembros de la Comisión permanente del club “General Gumersindo Saravia”, creado en esta sección, después de cambiar ideas sobre distintos puntos que se trataron en esta sesión, resolvieron: 1º- Que el club “General Gumersindo Saravia” quedaba instalado definitivamente en la costa de la Cañada Brava, casa de don Antonio Floricio Saravia, debiendo 77 comunicarse esta resolución por medio de la prensa para conocimiento de sus afiliados. 2º- Que desde el primer domingo del mes de octubre del corriente año queda abierta la sección de ejercicios doctrinales para los socios y todos los correligionarios, debiendo tener éstos lugar, en lo sucesivo, el domingo de cada semana, a las 9a.m. 3º- Nómbrase para instructor de los ejercicios militares al comandante don Lidoro Pereira y comuníquese por nota el cometido que le ha asignado este centro. 4º- Comuníquese por nota a la comisaría de esta sección la resolución del club en cuanto se refiera a los días y horas en que tendrán lugar los ejercicios doctrinales. 5º- Para el debido conocimiento de todos los correligionarios que quisieran tomar parte en la instrucción mencionada, ordénese la publicación de la presente acta en “El Nacional”, órgano de nuestra colectividad que con tanto acierto dirige el doctor don Eduardo Acevedo Díaz. No siendo para más, se dió por terminada la sesión y firmaron ante el infrascripto secretario, Ceferino A. Costa, Plácido Muñoz, Máximo Mederos, Luis Apolo y Nicolás Rivero (RELA, 2004, p. 31)⁸.

⁸ Na *Cañada Brava*, a 27 de agosto de 1896, reunidos os membros da Comissão permanente do clube “*General Gumersindo Saravia*”, criado nesta seção, depois de discutir ideias sobre distintos pontos que se trataram nesta sessão, resolveram: 1º- Que o clube “*General Gumersindo Saravia*” ficaria instalado definitivamente na costa da *Cañada Brava*, casa de Dom Antonio Floricio Saravia, devendo comunicar esta resolução por meio da imprensa para conhecimento de seus afiliados. 2º- Que desde o primeiro domingo do mês de outubro do corrente ano fica aberta a seção de exercícios doutriniais para os sócios e todos os correligionários, que deve ocorrer no futuro domingo de cada semana as 9 a.m. 3º- Nomeia-se para instrutor dos exercícios militares ao comandante Dom Lidoro Pereira e comunique-se por nota o papel que lhe é atribuído este centro. 4º- Comunique-se por nota a delegacia desta seção a resolução do

Contudo, não podemos deixar de mencionar o prestígio que Aparício possuía na região fronteiriça formada por Uruguai e Brasil, esta, não só vinculada a sua participação na Revolução Federalista, como também por ser um homem de fronteira e principalmente por sua família já estar sedimentada na região desde a primeira metade do século XIX. A possibilidade que a fronteira proporcionou pondo em contato territórios dos dois Estados Nacionais em construção, permitiu que a família Saraiva/Saravia construísse vínculos sociais, sentimento de pertencimento e identificação com a região fronteiriça (DOBKE, 2013, p. 5).

Os pais de Aparício, o casal Francisco Saraiva e Pulpicia da Rosa, sul-riograndenses de Lavras do Sul, migraram para o Uruguai em uma data que segundo o historiador uruguaio Enrique Mena Segarra (1998) oscila entre 1847 e 1854. O lugar escolhido para fixar suas posses foi à extensão que compreende hoje os Departamentos fronteiriços de *Cerro Largo* e *Treinta y Tres*, este último, até o ano de 1884 ainda não havia se desmembrado do primeiro, levando a crer que Francisco era dono de uma grande extensão de terras dentro do até então Departamento de *Cerro Largo*. Foi então, que na Estância *La Chilca* (a quarta adquirida), próxima a *Cuchilla Grande* (atual Departamento de *Treinta y Tres*), que em 16 de agosto de 1856 nascia Aparício Saraiva (MENA SEGARRA, 1998, p. 11-13).

O pai de Aparício ainda receberia uma pequena porção de terras na região de Arroio Grande, no Rio Grande do Sul, correspondente ao processo de inventário que se deu logo após a morte de seu pai; segundo John Chasteen (2003), o espólio ficou em uma pequena estância com cerca de duzentas reses.

E foi nesse espaço que Aparício Saraiva procurou organizar sua vida; a estreita relação com o Rio Grande do Sul ia muito mais além das posses e dos parentescos, fazendo com que o estancieiro de *El Cordobés*⁹ percebesse o valor da região tanto para seus negócios quanto para suas guerras. Assim é importante enfatizar o colocado pela

clube ao que se refere aos dias e horas em que terão lugar os exercícios doutriniais. 5°- Para o devido conhecimento de todos os correligionários que quiserem tomar parte na instrução mencionada, ordene-se a publicação da presente ata no “*El Nacional*”, órgão de nossa coletividade e que tão bem dirige Dom Eduardo Acevedo Díaz. Sem mais, se dá por terminada a sessão e assinaram ante o abaixo-assinado, secretário, Ceferino A. Costa, Plácido Muñoz, Máximo Mederos, Luis Apolo e Nicolás Rivero. [Tradução Nossa].

⁹ Assim chamava-se a estância de Aparício, pois esta situava-se nas proximidades do arroio *El Cordobés* que encontra-se ao sudeste do Departamento de *Cerro Largo*, dividindo este do Departamento de *Durazno*. NAVARRETE, Maria S.; VIÑOLES, Ramón A. *Cerro Largo. Los Departamentos*, n. 18. Montevideo: Nuestra Tierra, 1970. p. 13.

historiadora Ana Luiza Reckziegel (2010) no que toca essa relação entre Rio Grande do Sul e Uruguai:

é importante destacar que o relacionamento entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai foi estruturado em uma *região* na qual se reconhece uma identidade comum, se bem que subordinada a Estados distintos. Esta área compartilhada desde os primórdios de sua ocupação fez esta região uma zona comum, não propriamente pelo espaço que ocupa, mas sim pela história que as une. Para tanto, a noção conceitual de região com a qual imaginamos esta interação não pode ser vista como algo previamente estabelecido, mas a partir de uma perspectiva de que esta região foi construída ao longo do processo histórico concreto. Nesse sentido, verificamos que se formou nessa zona um *espaço de autodeterminação* que só pode ser completamente apreendido se levarmos em conta a posição diferenciada do Rio Grande do Sul em relação ao restante do país seja por seu modelo econômico, seja pela peculiaridade de sua *fronteira* viva em constante movimento (RECKZIEGEL, 2010, p. 1).

A autora ainda menciona a questão da identidade em comum que permeia este espaço, assim como sua intensa interação que aparece conflituosa em determinados momentos, fazendo com que Aparício emergisse neste cenário, agindo tanto de um lado como de outro, dependendo da questão, atuando principalmente em momentos específicos de conturbação política (RECKZIEGEL, 2010, p. 2).

Levando em conta estes fatores que envolvem o aspecto regional acerca do poder político e as redes de relações, tomamos como ponto de reflexão o trabalho de Márcia da Silva (2010) “A rede social como metodologia e como categoria investigativa: possibilidades para o estudo dos “territórios conservadores de poder”; neste, a autora aponta debates sobre a formação destes territórios, onde a contextualização está justamente no dinamismo das relações de poder, não limitando-se a fronteiras político-administrativas legitimando as bases da construção e organização de um espaço conjunto.

Desta maneira, as relações de poder constituem-se a partir de um determinado espaço, fazendo que a interação relacional seja complexa, agindo de forma desigual em determinados casos; assim:

as relações de poder decorrem de interações intencionais ou fortuitas (pessoais e institucionais) entre diversos atores que definem instrumentos de poder diferenciados para os atores políticos potenciais, tornando alguns deles mais capazes de fazer valer seus interesses do que outros, além de conduzir alguns atores potenciais em direção à irrelevância (MARQUES, 2003; apud SILVA, 2010, p. 40).

Acreditamos nesta perspectiva, pois as relações mantidas no mencionado espaço, tanto legitimavam como destituíam a chefia política, principalmente naquilo que toca a institucionalidade de um partido político, neste caso, a legitimidade de Aparício como líder *blanco* e a destituição de Justino Muniz deste posto, direcionando o segundo – mesmo que ainda partidário nacionalista – a antagonista participação nas fileiras do Partido Colorado.

Ainda acerca deste aspecto regional, naquilo que toca os habitantes da fronteira, buscamos como parâmetro a definição contida no texto “*Propuesta de definición histórica para región*” de Arturo Taracena (2008); onde o autor coloca que a região não é determinada pelo Estado-Nação e sim por um território com características próprias, um espaço construído no âmbito social, muitas vezes antecedente ao Estado consolidado. Outra questão importante levantada pelo autor é de que a região de fronteira não possui um limite precisamente definido, pois ela esta sujeita a temporalidade e a capacidade de sua territorialização, principalmente naquilo que tange as elites regionais e os grupos sociais dominantes.

Retomando a questão acerca das conexões de Aparício, vinculadas estreitamente ao seu irmão *Chiquito*, podemos perceber o quanto este foi importante para a consagração do chefe *blanco*, convertendo seus atributos relacionais – principalmente àqueles ligados a massa camponesa – em crédito na imagem de Aparício, o qual soube tirar proveito de tal situação para esquematizar sua sublevação.

É impossível pensar nesta questão sem mencionar os estudos de Pierre Bourdieu (2008) acerca da “Produção da Crença”, pois com a criação do supra-referido clube político, *Chiquito* transfere a crença obtida gerando o “Capital Simbólico” necessário para Aparício, que somados a sua atuação na Revolução Federalista e o fato de ser um célebre estancieiro na região fronteiriça, foi reconhecido de imediato como a única esperança nacionalista para viver o já mencionado mito da *patriada*.

Produzido o mecanismo, este garante certos atributos que não podem ser destruídos, pois, a partir deste sistema – os produtores da crença – desempenham a função ideológica da força, reproduzindo assim a ordem social e a permanência destas relações. No entanto, cada relação é o produto de estratégias complexas, cuja eficácia não depende só da força material e simbólica das partes envolvidas, mas também na habilidade de mobilizar determinado grupo, seja suscitando a compaixão ou a indignação (BOURDIEU, 2008, p. 200-205).

Por tratar-se de uma elite regional e por assim dizer, um grupo social dominante, já que a família Saraiva possuía certa estabilidade e credibilidade na referida região, percebemos que uma vinculação mais aprofundada na política de algum membro desta família era só questão de tempo, ou seja, o tempo de acumular o “Capital Simbólico” e assim, produzir o crédito.

No caso de Aparício, como podemos observar, este não era proveniente de uma família tradicional – mesmo que com o passar do tempo esta tenha adquirido *status*, como já antes mencionado – no entanto, fez valer de uma rede de relações construídas primeiramente por seu irmão Gumercindo, no que se refere principalmente a suas afinidades com o Rio Grande do Sul; assim, sua carreira política e principalmente a liderança no Departamento de *Cerro Largo* veio após a campanha na Revolução Federalista, onde a morte de Gumercindo alçou Aparício ao posto de general; neste caso, Gumercindo fazia parte do denominado por Vargas (2011) de “círculo dos grandes” devido a rede social a qual estava inserido; ainda segundo este autor, as carreiras políticas eram profundamente dependentes destas redes de relações, assim:

uma vez dentro do círculo dos grandes, estes indivíduos buscavam favorecer seus correligionários, **familiares** e clientes. Portanto, relações sociais mais abrangentes e que extrapolavam os membros do grupo e suas unidades familiares fortaleciam ainda mais a sua posição política e ajudavam a explicar sua ascensão (VARGAS, 2011, p. 47. Grifo nosso).

Inserido neste “círculo”, tanto pelo lado de Gumercindo como pelo de *Chiquito*, a construção do novo chefe nacionalista, dependia neste momento só de si mesmo, pois, após a criação do “*Club Gumersindo Saravia*”, Aparício tornou-se símbolo de um partido, fez valer de seus atributos para inferir suas vontades e seus valores frente aos outros nacionalistas; exemplo de caudilho, o chefe *blanco* fez valer de suas relações as configurando pautando-as em suas experiências, montou sua rede de contatos com agentes que de maneira ou outra acabavam convertendo suas atenções sob sua pessoa.

A produção da liderança de Aparício, com a fundação do clube, foi, por assim dizer, um convergente de vontades; seja dos *paisanos* da campanha, do diretório *blanco* na capital e da própria família; a configuração política do país também era um agravante, no entanto, não podemos deixar de mencionar a vontade de Aparício em tornar-se um chefe político, pois, se tudo apontava para uma mesma direção, cabia a ele ser o guia e assim se fez.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES.

Em síntese, esse trabalho expõe parte da pesquisa que foi desenvolvida com a perspectiva de releitura da trajetória de Aparício Saraiva, perspectiva esta, que trouxe à cena as relações sociais de poder construídas, assim como os espaços sociais transitados por este personagem, principalmente no que se refere à região fronteira entre Brasil e Uruguai.

A fundação do “*Club Gumersindo Saravia*” projetou Aparício nacionalmente como líder político, criou-se a partir de sua imagem um símbolo de resistência para os partidários nacionalistas e a partir de então o ponto de partida de um fenômeno que mobilizou centenas de pessoas e que é merecedor de maior atenção, o “saraivismo”. Acerca disso, o capitão José Virgínio Diaz (1920) em seu livro “*Historia de Saravia*”, já tecia alguns comentários – de um modo muito preliminar – sobre as causas desse fenômeno, atribuindo-as a forma de como Aparício agia, diferentemente de outros chefes (DIAZ, 1920, p. 49-50).

Outro ponto importante refere-se à região fronteira, pois, além de conformar por si só uma série de relações que ao longo do tempo foram se tornando características deste ambiente, permitindo que seus habitantes se relacionem em uma dinâmica diferente de outros locais fazendo com que práticas sociais distintas e neste caso, em uma esfera que abarca as relações de poder em prol de objetivos, que por sua vez acabam por abranger um elo de situações que se apresentam de diferentes maneiras, sendo a principal delas, a política.

Desta maneira, podemos nos balizar no historiador francês Pierre Rosanvallon (2010); onde este define o político e sua relação política como múltiplos fios que tecem uma trama e assim conferem um quadro geral envolvendo discursos e ações, remetendo a um todo dentro de uma sociedade, além de uma compreensão do político como seguimento da política através do que é denominado como “racionalidade política”, onde todo o sistema é operado por via das representações adquirindo um caráter complementar à História das Mentalidades, das Ideias e mesmo dos acontecimentos, com os quais reconhece a necessidade de dialogar e interagir.

Dessa forma, percebemos que tanto Aparício, como os membros do Partido Nacional integrados em dito processo, aproveitaram-se das circunstâncias que os envolviam, fazendo do momento a oportunidade para mobilizarem-se tanto na esfera política, como na militar que assim se sucedeu.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *A produção da crença: produção para uma economia dos bens simbólicos*, 3ª ed. Porto Alegre: Zouk, 2008. Trad: TEIXEIRA, Guilherme João de Freitas; SETTON, Maria da Graça Jacintho.

CHASTEEN, John Charles. *Fronteira rebelde, a vida e a época dos últimos caudilhos gaúchos*. Porto Alegre: Movimento, 2003. Trad.: SÊGA, Rafael Augustus; BELMONTE, Thelma; FUNCK, Élvio.

DÍAZ, José Virginio. *Historia de Saravia*. Montevideú: Talleres gráficos A. Barreiro y Ramos, 1920.

DOBKE, Pablo. *Entre Rebeldes e Bandidos: As hostes revolucionárias de Aparício Saraiva e Honório Lemes durante as contendas de 1904 e 1923 em uma perspectiva comparada*. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas. Trabalho de Conclusão de Curso, 2012.

DOBKE, Pablo. *Justino Muniz e Aparício Saraiva: Relações de poder no Departamento de Cerro Largo, Uruguai*. Anais: VII Fórum de Debates Povos e Culturas das Américas. Santa Maria: UFSM, 2013. p: 169 – 178.

DOBKE, Pablo. “Caudilhismo, Território e Relações Sociais de Poder: O Caso de Aparício Saraiva na Região Fronteiriça entre Brasil e Uruguai (1896-1904)”. Dissertação de Mestrado: UFSM, 2015. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/ppgh/images/MESTRADO/dissertacoes/turma%20de%202013/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Pablo%20Rodrigues%20Dobke%20-%202015.pdf>>. Acesso em: 05 de Out. 2015.

DIAZ, José Virginio. *Historia de Saravia*. Montevideú: Talleres gráficos A. Barreiro y Ramos, 1920.

GÁLVEZ, Manuel. La gran patriada de 97. In: _____. *Vida de Aparício Saravia*. Buenos Aires, 1957. p. 147 – 229.

IMÍZCOZ, José Maria. “Actores, redes, procesos: reflexiones para una historia más global”. In: *Revista da Faculdade de Letras, História*. Série III, Vol. 5. Porto: Edição digital, 2004. p. 115 – 140. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2378.pdf>>. Acesso 26 Ago. 2015.

KÜHN, Fábio. O Rio Grande do Sul durante a República Velha. In: _____. *Breve história do Rio Grande do Sul*, 3ª ed. Porto Alegre: Leitura XXI, 2007: p. 105 – 117.

MENA SEGARRA, Enrique. *Aparicio Saravia, las últimas patriadas*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1998.

MÉNDEZ VIVES, Enrique. El Uruguay de la modernización. *Historia Uruguaya, Tomo 5*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2007.

NAHUM, Benjamin. *Breve historia del Uruguay independiente*, 9ª edição. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2013.

NAVARRETE, Maria S.; VIÑOLES, Ramón A. Cerro Largo. *Los Departamentos*, n. 18. Montevideo: Nuestra Tierra, 1970. p. 13

PICOLLO, Helga Iracema Landgraf. A Revolução Federalista no Rio Grande do Sul: considerações historiográficas. In: ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique. (Orgs.). *Pensar a Revolução Federalista*. Rio Grande: Editora da FURG, 1993: p. 65 – 82.

RECKZIEGEL, Ana Luiza. Aparício Saravia: um caudilho de duas pátrias. *Estudios Historicos*. Ano: II, Nº. 4, Rivera: CDHRP (Edição digital), 2010. p. 1 – 20. Disponível em: <http://www.estudioshistoricos.org/edicion_4/ana-luiza-setti.pdf>. Acesso 05 Abr. 2015.

RELA, Walter. *El Partido Nacional en la historia política del Uruguay (1872-1907)*. Montevideo: Fundación por la historia del Uruguay, 2004.

REYES ABADIE, Washington; VÁZQUEZ ROMERO, Andrés. La Modernización. *Crónica general del Uruguay, Tomo 5*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2000.

ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. São Paulo: Alameda, 2010. Tradução: Christian Edward Cyril Lynch.

SILVA, Márcia da. A rede social como metodologia e como categoria investigativa: possibilidades para o estudo dos “territórios conservadores de poder”. In: PEREIRA, Silvia Regina; COSTA, Benhur Pinos da; SOUZA, Edson Belo Clemente de (Orgs.). *Teorias e práticas territoriais: análises espaço-temporais*. São Paulo: Expressão Popular, 2010: p. 37 – 52.

TARACENA, Arturo. “Propuesta de definición histórica para región”. In: *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México*, Nº 35, Janeiro-Junho, 2008: p. 181 – 204.

VARGAS, Jonas Moreira. Um negócio entre famílias. A elite política do Rio Grande do Sul (1868-1889). In: HEINZ, Flavio M (Org.). *História social de elites*. São Leopoldo: Oikos, 2011: p. 28 – 55.

Artículo recibido: 6 de octubre de 2015

Aprobado para publicación: noviembre de 2015

Artículo publicado: Diciembre de 2015